



rumores e ruídos

“AVENIDA BRASIL”: A FAVORITA

Nem seria necessário recorrer aos índices de audiência e aos “shares” da novela das 21h da Rede Globo para assegurar-lhe lugar de destaque na teledramaturgia da emissora. Eles apenas comprovariam o que o boca a boca da rua, das filas de banco e supermercado, dos almoços em família, aponta com favoritismo. “Morô?”, como diz o personagem Leleco, interpretado pelo ator Marcos Caruso.

Na segunda-feira da semana passada, numa longa fila, na expectativa de conseguir uma senha para assistir à leitura de “Eles não usam black-tie”, com a honrosa participação de Fernanda Montenegro, num ciclo que homenageava o ator e dramaturgo Gianfrancesco Garniere, ouvi de uma moça atrás de mim o seguinte comentário: “Se eu não conseguir entrar, vou pra casa assistir Carminha”. Pensei cá comigo: “Eu também!”. Era como se a frustração pela espera inútil de alguma desistência pudesse ser compensada pela adrenalina da trama da novela de João Emanuel Carneiro, também autor de “A favorita”, em 2009.

As palavras da moça traduzem o que muitos críticos de televisão ou de cultura em geral (porque novela também é cultura brasileira) têm dito por aí. Os jornais noticiam que bares e restaurantes, no Rio, que não possuíam tv passaram a colocá-la para que os clientes não saíssem para jantar apenas depois da novela. Encurralados por uma trilha sonora adequada e que não desgruda de nossos ouvidos, vamos assimilando, em escala ampliada, a glamourização da periferia experimentada em outras linguagens artísticas brasileiras há mais tempo: na literatura, na música e no cinema.

Não se trata aqui de pensar o que mais nos caracterizaria nacionalmente: as praias do Rio de Janeiro, os bairros da zona sul carioca, o ritmo frenético da avenida paulista, os pampas gaúchos, o sertão nordestino, a cultura marauara ou mesmo a avenida Brasil... Isso seria politicamente incorreto, se dimensionarmos nossa formação híbrida, plural e desigual. Tampouco a telenovela brasileira



tem a obrigatoriedade de retratar o país, embora seja isso o que mais se espera dela. A telenovela é um gênero da ficção em que “qualquer semelhança com fatos e pessoas reais é mera coincidência”. Essa advertência que, em décadas anteriores, aparecia em todas elas, independentemente do horário, não mais se faz notar, até porque a ausência de fronteiras entre a realidade e a ficção pode ser interessante para o “entretenimento das massas”.

O empenho para que as telenovelas se colem à nossa realidade pode, no entanto, ser louvável se avaliarmos, por exemplo, a pesquisa e o laboratório linguísticos levados a cabo pelos atores, no “s” chiado do carioca da gemá, no “pá mim e pá tu”, tão perceptíveis nos personagens Tufão, Leleco, Darkosn e Olenka, encenados com muito talento por Murilo Benício, Marcos Caruso, José Loreto e Fabíula Nascimento. Ou a leitura feita em conjunto para que os atores encontrassem, nas falas superpostas, o ritmo e a inflexão do dia a dia da conversa em casa e na rua. Ou a linguagem de corpos menos reprimidos com trejeitos despachados e expansivos. Trabalho talvez menos árduo para os atores que já vêm de experiências “marginais” similares no cinema, como é o caso de Murilo Benício, Ailton Graça e Fabíula Nascimento.

A “estética da marginalidade” incorpora à cena cultural contemporânea aquilo que ficava em surdina, embora represente, estatisticamente, as nossas maiorias identitárias: o favelado, o pobre, o provinciano, o suburbano e os respectivos hábitos linguísticos, preferências culinárias, modos de vestir. A novidade que “Avenida Brasil” parece trazer, aliada ao mérito do autor, da direção, dos núcleos de pesquisa e da excelência interpretativa dos atores, é a conquista do gênero novelístico e do horário nobre. Experiências anteriores, na Globo, ocorreram, no programa documental “Central da Periferia”, em minisséries, como “Cidade dos Homens” e na novela de Janete Clair, “Pecado Capital”, em 1975.

Mas essa tematização da marginalidade já ocorre na literatura desde a segunda metade do século XIX, com a publicação de “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, passando, no século XX, por experiências mais radicais de



incorporação sobretudo dos linguajares populares nas obras de Lima Barreto, João Antônio, Plínio Marcos, ou mais recentemente na publicação de “Cidade de Deus”, de Paulo Lins, obra que constituiu o marco para uma literatura produzida por atores sociais excluídos. Na música, na virada para o século XX, o samba, que é a voz do morro, legitimou em nossa cultura seu quinhão de negritude. Observamos movimento semelhante no funk nos dias de hoje. No cinema, desde “Pixote”, na década de 80, assistimos não só ao tema “favela” mas também aos olhares de diretores da própria comunidade, como em “5x favela: agora por nós mesmos”.

Em “Vozes marginais na literatura” (2009, Aeroplano), Érica Peçanha do Nascimento alerta para a abrangência da rubrica “literatura marginal” que abarcaria quatro possíveis aspectos: a inserção dos escritores no mercado editorial; as características dos produtos literários, um tipo de atuação literário-cultural, ou ainda, a condição social do escritor. No caso de “Avenida Brasil”, a TV GLOBO deu sequência, de forma massificante, a essa estetização do subúrbio que acaba por tornar-se produto de consumo: as roupas da Suelen, as rendas de Carminha, os óculos do Leleco, o boné do Darkson.

Bem que eu tentei contemplar a nossa primeira dama do teatro, do cinema e da TV, que, verdade seja dita, nunca se furtou a encarnar a periferia, como no filme de Walter Salles, “Central do Brasil”, mas me resignei satisfeita com a Carminha, de Adriana Esteves, a favorita da “Avenida”.